

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: ESPAÇO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO CORPO¹

Edjany Nascimento,

Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)

Nárgila Mara da Silva Bento,

Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)

João Paulo Silva Oliveira,

Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)

Alvaro Rego Millen Neto,

Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

RESUMO

O estudo objetivou compreender como os estudantes do ensino médio pensam o corpo, na perspectiva das representações sociais, nas aulas de educação física. Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas com 18 estudantes do ensino médio integrado. Destacam-se representações corporais em que o uniforme das aulas práticas gera desconforto. O estudo aponta que cada sujeito forma um sistema de pensamento diferenciado e, ao mesmo tempo, coerente com o sistema de pensamento do grupo.

PALAVRAS-CHAVE: Escola; Educação Física; Representações sociais; Corpo.

INTRODUÇÃO

O corpo pensado em seus múltiplos aspectos é reconhecido como um objeto social (LE BRETON, 2011; 2012). A ele são revelados significados, compartilhamentos, opiniões, políticas, intenções e ideias na vida cotidiana (GHIRALDELLI JR., 2007; COUTO, 2012; GOELLNER, 2013). As discussões referentes ao corpo se constroem social e culturalmente em diversas instituições (GONÇALVES; AZEVEDO, 2008) Tê-lo como objeto social de reflexão, no espaço escolar, torna-se fundamental no cotidiano das relações pedagógicas. Mais precisamente naquelas envolvendo as aulas de educação física (SILVA et al., 2015).

¹ Este trabalho não contou com apoio financeiro.

O corpo se revela um espelho social, motivo de representações e imaginários. O sentido revelado ao corpo coloca-o em posição de território. É um espaço construído por liberdades e interdições, revelador de funcionalidades sociais e individuais, guardando consigo marcas inscritas historicamente (SOARES, 2006). Compreender as representações construídas sobre o corpo pode possibilitar o acesso às normas, às opiniões e aos desejos de determinado grupo, sobretudo de adolescentes. Dentre essas considerações, o uniforme das aulas práticas angaria descontentamento. Assim, as vestimentas são marcadores sociais que participam das construções da vida social, individual e pública. Existe referência ao corpo, uma educação do corpo e dos comportamentos associados ao modo de se vestir (SOARES, 2011).

Tendo em vista essas reflexões, elaboramos a presente pesquisa com o objetivo de compreender como os estudantes do Ensino Médio pensam o corpo, na perspectiva das Representações Sociais, no contexto das aulas de educação física, especialmente em relação ao uniforme das aulas práticas.

METODOLOGIA

A pesquisa realizada caracteriza-se como qualitativa, transversal e de campo. Participaram da pesquisa 18 estudantes do ensino médio integrado do curso de Informática do Instituto Federal de Educação, Ciência, Tecnologia da Bahia que tinham entre 15 e 17 anos, de ambos os sexos. Para um melhor entendimento, iremos identificar os/as participantes por uma letra do alfabeto, um número decimal e por (F) Feminino e (M) Masculino.

Para se atingir o objetivo da pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas (TRIVIÑOS, 1987). Tal técnica foi aplicada nos horários das aulas de Educação Física, mediante autorização do professor. O tempo médio de cada entrevista foi de vinte minutos, devidamente registrada em gravador áudio e no celular. Seguiu o roteiro semiestruturado, permitindo a criação de outras questões que emergiram do contexto. A duração em campo compreendeu três meses, de fevereiro a abril de 2018.

As análises dos dados transcorreram segundo orientações da análise de conteúdo Bardin (2016), organizada por meio de três etapas. A primeira foi a pró-análise, com a organização e leituras iniciais das entrevistas. Na segunda etapa, foram identificadas as ideias

centrais e deu-se início ao processo de categorização. Na terceira e última etapa de análise, definimos as categorias a partir das inferências construídas por meio das interpretações. A pesquisa foi aprovada por Comitê de Ética em Pesquisa vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa.

Para este trabalho, optamos por um recorte da Dissertação de Mestrado contemplando, aqui, apenas uma das categorias que surgiram na análise dos dados – que diz respeito ao uniforme dos alunos e alunas para as aulas de Educação Física. Outras construções também surgiram nas análises, mas optamos por apresentar uma discussão mais aprofundada dessa categoria específica.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dentre essas considerações, o uniforme angaria descontentamento, pois parece existir a conferência dos detalhes corpóreos frente às opiniões e olhares dos outros estudantes. Para compreender como os estudantes sentiam-se com o uso do uniforme de educação física, especialmente nas aulas práticas, construíram-se algumas perguntas. A partir disso, foi possível identificar algumas das representações do grupo acerca do tema:

Não tenho uma boa relação com as aulas, principalmente por causa da roupa de educação física. (A16 F).

O short é um problema. Ele é muito curto. Me incomoda bastante. E é apertado. (A17 F).

Referências ao uniforme escolar aparecem na literatura. A pesquisa de Silva (2006) se refere ao período de expansão da escola pública paulista (1950-1970), verificando que a vestimenta escolar constituía uma regra imposta por normas regimentais e fazia parte da disciplina. Amparada em discursos higienistas, a escola construiu estratégias de intervenção sobre os corpos, sendo as roupas e uniformes importantes componentes das regras de apresentação disseminadas nesse cenário (RIBEIRO; SILVA, 2012).

As aulas de educação física são produtoras de representações sociais. E os uniformes, especialmente o short, apresentam algumas construções de insatisfação que circulam dentro do grupo estudado. É por meio desse cotidiano que surgem algumas manifestações

discursivas que reforçam essas opiniões. Jodelet (2001) afirma que, nessa perspectiva, há a integração dos elementos afetivos, mentais, sociais e das relações que afetam a realidade de intervenção, ou seja, o cotidiano é afetado. Como pode ser notado, seria conveniente prestar atenção a detalhes da confecção no uso do tecido e no comprimento, além dos cortes e decotes. Esses detalhes são reveladores de informações e sentimentos, que as roupas apontam ou escondem especialmente para as meninas (SOARES, 2011). Outro grupo de estudantes indica que não se sentem confortáveis com o uniforme de educação física, devido à estética, conforme os relatos a seguir:

Eu não gosto do short. Ele não fica bem no meu corpo. Não fica bonito (A7 M).

Eu não me sinto bem, é sério! Primeiramente que aquele short não valoriza nada das pessoas. Fica um negócio esquisito. Fora da moda! Não é como a academia (A10 F).

Nessas análises, o uso do uniforme pode estar relacionado à ideia de autorrepresentar na ótica da moda vigente. Parece haver a necessidade da transposição da moda fitness para o ambiente escolar. Marques Filho (2015, p. 75) sinaliza que “esses arranjos podem ser entendidos a partir da premissa que a moda oferece uma variedade significativa de opções para produção de subjetividades”.

Chama atenção, em nossa pesquisa, algumas atitudes vivenciadas nos dias das aulas de educação física, como amarrar o casaco na cintura ou usar uma blusa maior. Os relatos justificam essa moda como uma espécie de proteção para não mostrar muito ou desenhar as partes mais íntimas do corpo. As normas estabelecidas perante o uniforme das aulas práticas incitam parte das estudantes a criarem uma moda coletiva alternativa. Nessa perspectiva, Ribeiro e Silva (2012, p. 579) indicam que “[...] é por meio do corpo e das práticas sobre ele que se moldam os comportamentos. A regulação da vida social é em primeiro lugar, a regulação dos corpos”. Em outras palavras, esse cenário escolar parece se aproximar do discurso de Deleuze (2005) de máquina abstrata, isto é, a escola passa a ser um dispositivo, a que gerencia a vida de pessoas, objetivando um efeito: “aprimorar, cuidar e controlar o corpo social em sua micro-partícula, nos gestos, hábitos e pensamentos” (GALVÃO, 2017, p. 269).



Nesse emaranhado de sentimentos e emoções, destacamos duas falas que corroboram essas manifestações:

Não gosto do short. É muito estranho. Quando uso ele, coloco outro por baixo ou com uma blusa maior. Ele desenha (A5F).

Tenho medo das pessoas ficarem me olhando. Coloco um blusão na cintura amarrada. Quando coloco a blusa na cintura, me traz o sentimento de conforto (A10F).

Essas buscas traduzem a criatividade dos adolescentes em ressignificar construções estabelecidas. As representações que partilhamos são, sobretudo, objeto de permanente reflexão social. Cada novo fenômeno pode sempre ser reincorporado dentro de modelos justificativos e aceitáveis. Esse processo é necessário para a adoção de visões sociais consensuais (MOSCOVICI, 2015). É possível extrair o atributo “comportada”, uma justificativa para o uso de uma blusa maior nas aulas práticas. O costume de usar a peça de vestimenta extra parece protegê-la de uma possível exposição constrangedora do corpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises permitiram identificar algumas perspectivas como a insatisfação com o uniforme escolar e a busca de alternativas para torná-lo menos desconfortável. As estudantes lastimam que as aulas de educação física em algumas de suas especificidades provocam sensações de insatisfação e preocupação. Dentre essas considerações, o uniforme angaria descontentamento, pois parece existir a conferência dos detalhes corpóreos frente às opiniões e olhares. Ao mesmo tempo, parece haver a necessidade da transposição da moda fitness para o ambiente escolar. Além disso, as estudantes indicam que não se sentem confortáveis com o uniforme, devido à estética. As atitudes de amarrar o casaco na cintura ou usar uma blusa maior se justificam como uma proteção às visibilidades dos corpos, sobretudo, das meninas. Assim, sugerimos novas pesquisas sobre a representação social do corpo na escola, especialmente nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, uma vez que mostra a singularidade da importância de se compreender o corpo a partir das aulas de Educação Física.



SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: SPACE OF SOCIAL REPRESENTATIONS OF THE BODY

ABSTRACT

The study aimed to understand how high school students think about the body from the perspective of Social Representations in the context of physical education classes. 18 integrated high school students answered a semi-structured interview. We highlight the corporal representations that the uniform of the practical classes generates discomfort. Thus, the study points out that each subject forms a system of thought that is differentiated and, at the same time, coherent with the system of thought of the group.

KEYWORDS: *School; Physical education; Social representations; Body.*

EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR: ESPACIO DE REPRESENTACIONES SOCIALES DEL CUERPO

RESUMEN

El estudio objetivó comprender cómo los estudiantes de la enseñanza media piensan el cuerpo, en la perspectiva de las Representaciones Sociales, en el contexto de las clases de educación física. Respondieron a una entrevista semiestructurada 18 estudiantes de enseñanza media integrada. Se destacan las representaciones corporales que el uniforme de las clases prácticas genera incomodidad. Con ello, el estudio apunta que cada sujeto forma un sistema de pensamiento diferenciado y, al mismo tiempo, coherente con el sistema de pensamiento del grupo.

PALABRAS CLAVES: *Escuela; Educación Física; Representaciones sociales; Cuerpo.*

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DUVEEN, G. Crianças enquanto atores sociais: as representações sociais em desenvolvimento. In: GUARESCHI, P.A.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs.). **Textos em representações sociais**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 209-238.

GALVÃO, B. A. Foucault, Deleuze e a máquina escolar: a escola como dispositivo de poder e a produção de corpos dóceis. **Revista ideiação**, edição especial, 2017.

JODELET, D. *Representações sociais: um domínio em expansão*. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 17-44.

LE BRETON, D. **Antropologia do corpo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MARQUES FILHO, A. **A moda fazendo gênero: representações sociais sobre “modos de vestir gay”**. 2015. 191f. Tese (Doutorado) Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: Investigações em psicologia social**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

RIBEIRO, I.; SILVA, V. L. G. Das materialidades da escola: o uniforme escolar. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 03, p. 575-588, jul./set. 2012.

SILVA, K. N. **Criança calçada, criança sadia!:** sobre os uniformes escolares no período de expansão da escola pública paulista (1950/1970). 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SILVA, F. A. G.; SILVA, L. A.U.; LÜDORF, S. M. A. Concepções de corpo e a prática pedagógica dos professores de educação física do ensino médio. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 18, n. 1, jan./mar. 2015.

SOARES, C. L. **As roupas nas práticas corporais e esportivas: a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940)**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. Pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.